

Entrevista com Christophe Déjourns*

O senhor poderia se apresentar e falar um pouco da sua visão da psicopatologia no início do século XXI?

Eu me chamo Christophe Déjourns, sou psicanalista e, além disso, realizo pesquisas em dois campos. Um é aquele da relação entre o funcionamento psíquico e o corpo, em torno das questões colocadas pela psicossomática e outro é aquele em que realizo pesquisas em torno da relação entre saúde mental e trabalho.

É, sobretudo, sobre esse segundo campo que eu vou lhes falar pois, do ponto de vista da psicossomática, não creio que haja revoluções importantes a esperar para o século XXI.

Então, do ponto de vista daquilo que chamamos psicopatologia do trabalho ou, ainda, psicodinâmica do trabalho a situação para nós caracteriza-se, no fim do século XX e começo do século XXI, pela, digamos, vitória mundial do liberalismo econômico que se traduz – aproximando-nos do funcionamento psíquico individual – pela aparição de novas formas de dominação.

O neoliberalismo não é só a economia, o mercado, é também, dia-a-dia, no cotidiano, a existência de novas formas de dominação. Um dos lugares onde essa dominação é exercida e atinge de forma privilegiada o funcionamento psíquico é, precisamente, na relação com o trabalho.

Ninguém está livre dessa relação com o trabalho. Seja porque se trabalha e então se está ligado a formas de dominação muito particulares que se concretizam naquilo que chamamos a organização do trabalho,

* Realizada por Rubens Marcelo Volich, em Paris, no dia 11 de julho de 2000, com tradução de Adriana Campos de Cerqueira Leite.

a prescrição, a divisão de tarefas, o ritmo etc., seja porque se está privado de emprego. E encontramos aí os que estão desempregados há muito tempo, os novos pobres que aparecem nos países mais ricos. Nós nunca fomos tão ricos como nos últimos vinte anos e, contudo, há uma nova pobreza que emerge. Uma pobreza não somente no plano material e de miséria de condição de vida, mas igualmente no plano psíquico como uma explosão de patologias, o que é extremamente preocupante, não somente porque as patologias são graves e numerosas, mas porque, além de tudo, não sabemos de que maneira abordá-las e como proceder, não somente em relação ao cuidado mas, eventualmente, como prevenir as conseqüências desastrosas da privação de trabalho.

Desse fato, nos damos conta de que a dominação no mundo do trabalho, ainda que traga benefícios extraordinários, uma riqueza absolutamente inacreditável, ao mesmo tempo traz o sofrimento no trabalho que não pára de crescer. Em um país como a França vimos surgir, nos últimos dez anos, novas formas de patologia, e aí estou entrando no assunto que realmente lhes interessa. Há novas formas de patologia que foram recentemente identificadas no mundo do trabalho. Em particular, o que é mais surpreendente para nós é a aparição daquilo que chamamos patologias de sobrecarga.

No momento em que o triunfo da robotização, da informática, da automação, deveria trazer a emancipação dos homens em relação ao trabalho, é o contrário que observamos. Lá onde as tarefas de manutenção deveriam ter diminuído, onde, segundo o que nos anunciavam há pouco tempo, o trabalho desapareceria, tudo passaria a ser feito pelas máquinas, o que vemos, na realidade, é uma explosão de patologias de sobrecarga.

Vocês, no Brasil, conhecem muito bem, pois é um dos países mais afetados por isso, a Lesão por Esforços Repetitivos. A LER tem verdadeiramente um caráter de epidemia, mas é uma epidemia ligada ao trabalho *strictu sensu* e que vemos explodir em países como o Brasil, mas não onde esperávamos, não nas tarefas de manutenção que exigem esforços físicos e imposições fisiológicas, ao contrário, nas tarefas em que há pouca participação manual. A dificuldade dos digitadores em informática no Brasil é bem conhecida; aqui nós vemos pessoas que ocupam cargos executivos e que são também atingidos por essa Lesão por Esforços Repetitivos, o que coloca uma série de problemas...

Então não é simplesmente uma questão muscular, a ser tratada por fisioterapeutas...

Isso mesmo. Esse é o paradoxo, essa Lesão por Esforços Repetitivos, ou LER, não pode ser explicada unicamente por processos biológicos ou fisiológicos – existe no centro disso uma verdadeira doença mental. É a forma pela qual a organização do trabalho atinge o funcionamento psíquico e nós podemos demonstrá-lo. Existe um aumento de imposições de ritmo, de produção, de produtividade e de qualidade e é

a soma dessas imposições que terminam por paralisar o funcionamento psíquico. Eu estou indo rápido pois é preciso, porém isso tudo pediria uma explicação bem complicada... Enfim, há uma distorção do funcionamento psíquico, uma paralisação do pensamento que, justamente, torna o corpo muito mais vulnerável e faz dele o lugar onde se manifestam os sintomas. No lugar do sintoma psicopatológico é o corpo que adoece. Essa é uma das características importantes. Mas existem outras patologias de sobrecarga que foram postas em evidência nesses últimos anos.

Você sabe que falamos muito de *burn out* no mundo inteiro, um esgotamento profissional que encontramos em muitas profissões e, mesmo que critiquemos esse termo, ele tem a vantagem ao menos de mostrar que o que está no centro dessa nova patologia é a relação entre aquele que trabalha e o cliente, o usuário...

Demo-nos conta, afinal, de que a relação com o cliente é uma cilada psíquica pois as pessoas são pegas numa relação que, de um lado, traz um excesso de carga de trabalho imposta pela própria relação com o cliente e que, ao mesmo tempo, cria uma forte agressividade reativa que é, entretanto, barrada pela forte culpabilidade que faria descarregar a agressividade sobre o cliente. De fato, as pessoas reprimem tudo aquilo que, do ponto de vista pulsional, é mobilizado pelo encontro com as filas nos caixas de supermercados ou com as filas nos guichês do correio etc. De modo que, aí também, vemos aparecer essa patologia do esgotamento profissional que se observa igualmente nos enfermeiros, cuidadores. Bom, há ainda outras patologias que apareceram e eu passo a um terceiro capítulo. A famosa *carrochie*, cuja explicação, do ponto de vista fisiopatológico ou psicopatológico, é a mesma que para a Lesão por Esforço Repetitivo. A *carrochie* é a morte súbita causada freqüentemente por acidente vascular cerebral e, por vezes, cardíaco. Atinge homens jovens, com idade entre 25 e 40 anos, que morrem subitamente sem ter nenhum antecedente cardiovascular; na verdade, descobre-se que essas pessoas morrem e o único fator para explicar isso é o excesso de trabalho. São pessoas que trabalham mais de setenta horas por semana notadamente na contabilidade japonesa, pois é uma doença reconhecida especialmente no Japão onde até mesmo associações de famílias das vítimas da *carrochie* foram constituídas.

Temos ainda outras formas de patologias que apareceram em países como a França e que eram absolutamente inexistentes no passado, são as patologias pós-traumáticas ligadas ao desenvolvimento da violência do público, violência dos usuários contra as pessoas que estão exercendo suas funções. No começo, na França, isso afetava sobretudo os empregados de banco e, hoje em dia, atinge os enfermeiros, os motoristas de táxi, os motoristas de ônibus, de trem, os frentistas dos postos de gasolina, enfim, atinge toda uma série de pessoas que atuam prestando serviços à população, principalmente nos serviços públicos, e que são, hoje em dia, vítimas da violência do público. De qual público? Bem, essencialmente daquele público que está colocado à margem da sociedade e para o qual os agentes do serviço público

transformam-se em alvo privilegiado. Tornam-se alvo, não simplesmente por estarem acessíveis, mas por simbolizarem as novas formas de dominação.

Enfim, vimos surgir recentemente, há quatro ou cinco anos na França, algo muito perturbador que são os suicídios ou tentativas de suicídio no próprio local de trabalho. Essas coisas não existiam antes. Temos cinqüenta anos desde a criação da medicina do trabalho na França e guardamos, portanto, a memória de toda essa prática, de todas as publicações científicas, e jamais, antes dos últimos anos, tinham sido publicados casos de suicídio no local de trabalho. Hoje, temos dezenas de pessoas que se suicidam no local de trabalho.

Então, de um lado, a grande riqueza, a promessa de felicidade do neoliberalismo mas, no interior disso tudo, nos damos conta de que para aqueles que trabalham a situação agrava-se e, além disso, o mais inquietante é que não caminha no sentido de uma melhora. Podemos mesmo prever que todas essas patologias vão ainda se agravar.

Eu poderia falar de outros quadros clínicos que apareceram e, em particular, de uma coisa difícil de se explicar assim, em poucas palavras, mas que nos fez trabalhar e pesquisar muito nos últimos anos: é a aparição de transtornos da cognição, transtornos cognitivos que aparecem nos adultos em situações de contradição relativas à organização do trabalho e que fazem com que as pessoas tenham dificuldade para pensar. Eles não conseguem mais distinguir aquilo que é bom daquilo que é ruim, o que é justo e o que é injusto e mesmo aquilo que é verdade daquilo que é falso na própria natureza do trabalho. Quer dizer que não se sabe mais fazer essa mediação que conduz a uma abstração do trabalho, sobretudo ao que gira em torno da nova economia etc. As pessoas não sabem mais onde está a verdade e terminam por ter problemas de julgamento, problemas de atribuição, problemas de pensamento e, sobretudo, problemas de memória.

Na França, temos descrito casos de pessoas que se encontram em condições de trabalho em que são constantemente interrompidas pelo correio eletrônico, pelas ordens, pelos clientes ou por pedidos que exigem muita flexibilidade. Essas interrupções constantes provocam problemas de memória e, então, eles anotam tudo que lhes é dito, inclusive as comunicações telefônicas em *post-it*. Vemos aos poucos todos os postos de trabalhos constelados de *post-it*, e tivemos até mesmo um caso particular, aliás vários casos, mas um particularmente espetacular: um homem cobriu todo seu corpo de *post-its* e se suicidou.

Aí está o tipo de patologia com que somos confrontados hoje em dia e que propõe problemas muito particulares de como devemos nos ocupar disso, de como analisar ou tratar essas dificuldades.

Bom, esse é um sobrevôo e, para mim, um sobrevôo muito importante mas que talvez não seja, e isso talvez o espante, o mais importante. O mais importante é que a maioria das pessoas que está nessa situação de trabalho finalmente é bem-sucedida

em não enlouquecer, não adoecer mental ou fisicamente apesar das imposições com as quais é confrontada. Todo o problema que se coloca é qual é o preço, quais são as estratégias utilizadas para conservar a normalidade e para não adoecer mentalmente. E aí, entramos em outro capítulo da clínica ordinária que é a clínica das defesas individuais e coletivas mobilizadas e utilizadas pelas pessoas no exercício do seu trabalho para não enlouquecerem.

Ora, o que acontece é que essas estratégias de defesas constituídas contra o sofrimento psíquico ocasionado pelo trabalho são ambíguas e equivocadas. De um lado, não podemos reprovar as pessoas por defenderem-se, pois é a condição para sobreviver, mas, de outro lado, essas defesas têm um efeito perverso. O efeito perverso mais notável é aquele de manutenção da situação existente. Essas defesas têm um papel na adaptação das pessoas às novas formas de dominação e, finalmente, têm um papel de anestesia para a dor. Quando uma defesa funciona, as pessoas toleram restrições que não deveriam tolerar, seja por razões morais e políticas ou por razões psicológicas.

De todo modo, assim como a anestesia diminui a dor, mas não recupera a lesão trazendo o risco de que um dia a doença estoure de uma forma muito mais grave. Por exemplo: se você tem uma úlcera estomacal, eu te dou morfina. Você não terá mais dor, mas a úlcera continuará a escavar seu buraco. Da mesma forma, o que estará sendo danificado quando as pessoas toleram situações inaceitáveis? A subjetividade e tudo o que está em jogo na associação entre trabalho e subjetividade.

Aí, eu poderia fazer um longo capítulo, mas seria extenso demais, pois o que há para desenvolver é que o trabalho não é um contexto, um cenário, o trabalho é uma prova e é uma ocasião excepcional para o sujeito colocar-se em xeque, e talvez o trabalho seja ainda, em certos casos, uma promessa de auto-realização. Mas no contexto do qual eu estou lhe falando, em que as imposições da organização, as novas formas de dominação, tornam-se cada vez mais duras para a população, as pessoas se defendem e, finalmente, o trabalho não é mais um lugar de auto-realização. É um lugar onde se esvaem todas as energias em um mesmo sentido: aquele de proteger-se. Proteção de si não é a mesma coisa que auto-realização. Há um certo momento em que as pessoas não fazem outra coisa a não ser se proteger, não podendo mais lidar com a questão da subjetividade e não podendo mais servir-se do trabalho como mediador na construção da identidade. Chegamos, então, a paradoxos e coisas que são extremamente preocupantes não somente para cada um de nós, mas para o futuro da sociedade. Essas novas formas de dominação não funcionam sozinhas.

Isso quer dizer que as novas formas de dominação consistem em organizar planos utilizando cada vez mais a flexibilidade e o trabalho precário. Essas novas formas de dominação não funcionam se muita gente não participar delas trazendo sua contribuição. Não se pode simplesmente decretar, é por uma ameaça que se obtém que as pessoas trabalhem. Apesar das leis que são aprovadas, as pessoas trabalham

a mais em casa, durante a noite, de forma mais ou menos clandestina, há muito trabalho informal inclusive em países europeus onde as leis são constantemente e cada vez mais violadas. Tudo isso não pode funcionar caso não exista uma forte colaboração*. E é isso o importante.

Essas novas formas de dominação permitem o envolvimento de um grande número de pessoas sem as quais o sistema não funcionaria.

Para que o sistema funcione é preciso um grande número de executivos, de gerentes e de pessoas dos Recursos Humanos, mas é preciso igualmente uma quantidade de supervisores de serviço e mesmo de técnicos que aceitem contribuir com atos e práticas que, no entanto, eles reprovam moralmente.

É isso que essas novas formas de dominação nos ensinam: dar nosso consentimento para que se façam coisas que reprovamos. Isso gera não somente um problema moral, mas esse problema moral deixa seu herdeiro que é o sofrimento psíquico de trair-se a si mesmo, de descobrir em si o covarde que dá seu consentimento a coisas que, na verdade, reprova.

E nós descobrimos, isso é mais recente, estratégias de defesa que permitem finalmente que se oculte, que se oponha uma recusa à percepção dessa situação particularmente dolorosa do ponto de vista moral. Então, o que são essas defesas? Elas têm uma coisa em comum: só funcionam com a condição de entorpecer a capacidade de pensar. A maneira de agüentar é não pensar, não se faz outra coisa senão trabalhar. Concentra-se e focaliza-se exclusivamente sobre o trabalho, pensa-se na eficiência do trabalho sem que se raciocine sobre as conseqüências do trabalho sobre o outro... Eu nunca trabalho para produzir, eu trabalho para alguém, para um patrão, eu trabalho para o senhor Bordonnais, eu trabalho com meus colegas. Toda essa dimensão do outro, implicada na relação de trabalho, é ocultada por essas defesas. Cada um se concentra sobre o seu posto de trabalho, sua produtividade e sua performance.

E então, chegamos aí a um problema fundamental do impulso subjetivo ou psicológico para o consentimento na participação do mal. Isso faz parte da psicopatologia fundamental propriamente falando, pois essa “normalidade” não pode ser compreendida a não ser diferenciando-se da patologia, aquilo que não é verdadeiramente consentido acaba sendo resolvido com uma doença. O risco entre essas duas saídas é a morte da subjetividade no trabalho e, através do trabalho, toda nossa sociedade é ameaçada por uma desqualificação da posição subjetiva na vida cotidiana.

* Com toda a conotação que o termo *collaboration* tem em francês – atitude de colaboração com o invasor alemão, durante a Segunda Guerra. (N. da T.)